**Natália Martins
Flores**

É jornalista e doutora do
Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

**#OcupeEstelita: ciberativismo
e mobilização social**

**#OcupeEstelita: cyberactivism
and social mobilization**

**Isaltina Maria de
Azevedo Melo
Gomes**

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

**#OcupeEstelita: Cyber-activismo
y movilización social**

RESUMO

Este estudo reflete sobre o movimento #Ocupe Estelita, do Recife, abordando suas estratégias de militância nos espaços digitais. A partir da observação dos perfis e comunidades do movimento no Facebook e do blog *Direitos Urbanos* (além de blogs e perfis sociais de indivíduos nas redes sociais digitais que atuam como lugares de disseminação de conteúdo do grupo na rede), delinea-se o modo como esses dispositivos são utilizados pelo movimento. A partir das contribuições de Foucault e das teorias do discurso, também interessa abordar o processo de construção de um espaço discursivo de debates e produção de sentidos sobre espaço urbano operados pelo movimento. Mostra-se que as estratégias de mobilização do Ocupe Estelita dividem-se em: 1) estratégias de constituição do discurso do Estelita, que pretende formar um espaço discursivo de discussão do espaço urbano de Recife, por meio da produção de audiovisuais e outros produtos midiáticos e 2) estratégias de incitação de mobilização dos membros e simpatizantes do movimento, que ocorrem em eventos pontuais em torno do Projeto Novo Recife. Entende-se que o movimento constitui seu discurso por meio de redes de sentidos contrárias ao discurso hegemônico de urbanização, utilizando elementos da memória cultural e afetiva do recifense e de *empowerment* e inclusão de vozes sociais interessadas no debate sobre espaço urbano.

Palavras-chave: ciberativismo; Ocupe Estelita; discurso.

ABSTRACT

This study reflects on the #OcupeEstelita movement from the city of Recife, addressing their strategies in digital spaces. From the observation of the movement's profiles and communities on Facebook and the blog *Direitos Urbanos* (as well as blogs and social profiles of individuals in digital social networks that disseminate the group's contents), the study shows how these platforms are used by the movement. Based on the contributions by Foucault and the discourse theories, it approaches the building process of a discursive space of debates and meaning production about the urban space operated by the movement. Results show that the mobilization strategies of #OcupeEstelita are divided into 1) strategies for the constitution of the Estelita discourse, which intend to produce a discursive space of debate about the urban space of Recife, through the production of audiovisual and other media products and 2) strategies to encourage the mobilization of members and sympathizers of the movement, which occur in specific events around the New Recife Project. It is understood that the movement produces its discourse through networks of meanings contrary to the hegemonic discourse of urbanization, using elements of the cultural and affective memory of those living in Recife and elements of empowerment and inclusion of social voices interested in the debate on urban space.

Keywords: cyber-activism; #OcupeEstelita; discourse.

RESUMEN

En este estudio se refleja en el movimiento #OcupeEstelita, de la ciudad de Recife (Brasil), dirigiéndose a sus estrategias de activismo en los espacios digitales. De la observación de los perfiles y de las comunidades del movimiento en Facebook además del blog *Derechos Urbanos* (así como los blogs y perfiles sociales de individuos en redes sociales digitales que actúan en condición de lugares de contenidos del movimiento en la red), se delinea cómo esos dispositivos son utilizados por el movimiento. A partir de las aportaciones de Foucault y las teorías del lenguaje también interesa hacer un acercamiento al proceso de construcción de un espacio discursivo de los debates y la producción de sentido sobre el espacio urbano operado por el movimiento. Se muestra que las estrategias de movilización de #OcupeEstelita se dividen en: 1) las estrategias de intervención cuyo objetivo es crear un espacio discursivo para la discusión del movimiento en el espacio urbano de Recife, a través de la producción de audiovisuales y otros productos de los medios de comunicación y 2) las estrategias de incitación a la movilización de los miembros y simpatizantes del grupo que se producen en los eventos especiales involucrados en el Proyecto Nuevo Recife. Se entiende que el movimiento construye su discurso a través de redes de sentido en contra del discurso hegemónico de la urbanización, por el uso de elementos de la memoria cultural y afectiva de Recife y el apoderamiento de las voces excluidas interesadas en el debate acerca del espacio urbano.

Palabras clave: ciberactivismo; #OcupeEstelita; discurso.

Submissão: 04-01-2016

Decisão editorial: 19-02-2017

Introdução

As redes sociais presenciaram uma efervescência social crescente nos últimos anos, que tomou as ruas de cidades mundo afora na forma de mobilizações sociais contra o sistemas hegemônicos de poder. Os protestos da Primavera Árabe, em 2010, no Cairo; o movimento dos Indignados, em 2011, em Madri, e do *Occupy Wall Street*, também em 2011, em Nova York, e as Jornadas de Junho de 2013, no Brasil atestam essas formas de mobilização e luta social. Trata-se de mobilizações feitas a partir do ambiente descentralizado das redes sociais digitais, conclamando apoiadores virtuais a ganharem as ruas para defender causas e demandas sociais específicas. Elas representam um sintoma de descontentamento com sistema político de democracia representativa, trazendo à tona vozes que buscam outras formas de participação e intervenção social.

Estudos do campo da Sociologia e da Comunicação têm focado no uso da internet pelos movimentos sociais, lançando luz sobre os repertórios de ação gerados na ambiência digital. De forma geral, compartilha-se a ideia de que a formação dos movimentos sociais no contexto atual organiza-se em uma lógica de rede (SCHERER-WARREN, 2006; GOHN, 2011), seguindo a morfologia da própria sociedade

da informação (CASTELLS, 2003). Por meio do uso de tecnologias desterritorializantes, criam-se processos de interação transnacionais entre movimentos sociais, colocando em contato demandas e experiências locais nos processos de comunicação. A dispersão da informação em rede, por meio das mídias sociais da internet, possibilita aos movimentos sociais uma maior capilaridade de acesso a possíveis apoiadores da causa. Esses dois fatores, em seu conjunto, justificam a importância de se estudar os movimentos ciberativistas e suas estratégias de mobilização.

Neste artigo propomo-nos a refletir sobre o movimento “Ocupe Estelita”, do Recife, como forma de ciberativismo. Nosso foco são as estratégias de militância empreendidas pelo grupo ao longo dos últimos anos nos espaços digitais. A partir da observação dos perfis e comunidades do movimento no Facebook (especificamente as comunidades Movimento#OcupeEstelita, #ResisteEstelita e Direitos Urbanos), do blog do Direitos Urbanos (<http://>), além de blogs e perfis sociais de indivíduos nas redes sociais digitais que atuam como lugares de dispersão de conteúdo do grupo na rede, delineamos o modo como esses dispositivos são utilizados pelo grupo, abordando o processo de construção de um espaço discursivo de debates e de produção de sentidos sobre espaço urbano. Partimos do pressuposto de que a consolidação de sentidos sobre urbanização na malha social recifense dá-se num cenário de disputas sociais, que ocorrem por meio do discurso.

Ciberativismo: circundando as estratégias de mobilização

As práticas de ativismo na rede vêm sendo estudadas há algum tempo por diversas disciplinas

interessadas em delinear as configurações específicas de fenômenos empíricos, o que produz uma variedade de olhares sobre o tema. Neste primeiro momento, trazemos alguns estudos do campo da comunicação e da sociologia que nos auxiliam a pontuar aspectos específicos dessa prática. Antes de pretender uma discussão aprofundada do conceito, o breve referencial teórico aqui levantado pretende trazer elementos que nos conduzam a olhares sobre as estratégias de militância na rede de movimentos, como o Ocupe Estelita.

De modo resumido, o ciberativismo pode ser definido como o uso de tecnologias de comunicação da internet por ativistas para a mobilização em favor de causas sociais, políticas ou ambientais. Alguns pesquisadores apontam a prática ativista como intrínseca à internet, tendo sido aprimorada a partir das suas fases de desenvolvimento (SILVEIRA, 2010; ARAÚJO; FREITAS; MONTARDO, 2012). Apropriando-se de Castells (2003), Silveira (2010) mostra que o ativismo tem relação com a contracultura norte-americana e molda boa parte dos protocolos de comunicação da rede. Baseada na ideologia da liberdade de informação e representada pela figura do *hacker*, essa cultura “pregava distribuir o poder e emancipar as pessoas pelo acesso às informações” (SILVEIRA, 2010, p. 34). Seu desenvolvimento permitiu que a tecnologia da internet passasse a ser massivamente consumida.

As práticas ciberativistas consistem em reformulações de práticas de ativismo social cuja existência é anterior ao ciberespaço. Parente (2014) lança luz sobre esse aspecto mostrando que essas práticas encontram raízes na contracultura e comunicação alternativa, que, para além dos movimentos contes-

tatórios das décadas de 1960/1970, marcam também outros períodos da história da humanidade. A condição de existência desses discursos e atitudes partiria “da necessidade de criar instrumentos que possibilitem a expressão de sentimentos e ideias contrários aos estabelecidos por um sistema de valores e posições que predominam socialmente” (PARENTE, 2014, p. 11). Seriam utilizados, assim, dispositivos de comunicação e de ação midiática como forma de resistência.

As teorias sociológicas dos movimentos sociais nos auxiliam a pensar em como esses grupos se constituem na contemporaneidade. Interessada em traçar as origens dos movimentos da cibercultura, Alcântara (2015) resgata o estudo de Lievrouw sobre os novos movimentos sociais que emergiram a partir da década de 1960, mostrando que tais movimentos modificaram os repertórios do ativismo porque “trouxeram *pautas simbólicas* para a centralidade das discussões; utilizaram os meios de comunicação para *estabelecer diálogos* com a sociedade civil (não apenas com o Estado); trabalhavam *em rede de forma coletiva e horizontalizada*; e, por fim, trouxeram repertórios de ações não convencionais” (ALCÂNTARA, 2015, p. 78-79). Essas características podem ser relacionadas ao funcionamento do ciberespaço, que expandiu as atividades dos movimentos sociais nas décadas subsequentes.

Pereira (2011) mostra-nos que o ciberespaço oferece novos repertórios de ação política para os movimentos ativistas. Esses repertórios estão relacionados a novos modos de disseminação de informações e coordenação de mobilizações, como o uso de abaixo-assinados, e-mails, listas de discussão, entre outros. Essas práticas firmam-se em torno de uma articulação entre os novos meios e as formas tradicionais

de se protestar e mobilizar, que passam a coexistir. Essa relação entre novas e velhas formas também é salientada por Rigitano (2003), quando menciona que o uso da internet visaria fortalecer o movimento social, por meio da criação de espaços de discussão e troca de informação e organização e mobilização de indivíduos para ações e protestos *on-line* e *off-line*.

Diversas são as estratégias e as formas de presença dos movimentos sociais na rede. Rigitano aborda essa variedade de ações a partir da proposta de Vegh (2003 apud RIGITANO, 2003) de classificação do ativismo *on-line* em três categorias, que podem se combinar nas práticas ciberativistas. A primeira centra-se na conscientização e apoio a causas dos movimentos sociais e aborda o uso do meio como fonte alternativa de difusão de informações. A segunda trata de formas específicas de ativismo *on-line*, colocadas em prática a partir da organização de determinada ação de mobilização por meio do uso da rede. A terceira remete a iniciativas de ação/reação ou ativismo *hacker*, que envolve ações de invasão e/ou congestionamento de *sites* e ciberterrorismo.

Ugarte (2008) investiga os modos de ciberativismo a partir de três vias: discurso, ferramentas e visibilidade. O discurso propõe "determinada maneira de olhar o mundo, de certo [sic] estilo de vida" (UGARTE, 2008, p. 40) e, por essa razão, seria um forte componente identitário que aproxima pessoas desconhecidas em torno de uma causa compartilhada. O pesquisador dá destaque à lógica do *empowering people*, que molda os novos discursos ciberativistas. As ferramentas remetem às formas utilizadas pelos ciberativistas para disseminar seu discurso, seja por meio do uso de *softwares* livres, listas de discussão, entre outros.

A visibilidade constituiria o ápice da mobilização do movimento ciberativista, razão pela qual se teceriam estratégias *on-line* e *off-line* a partir do uso de ferramentas. A conjunção entre esses aspectos aparece na descrição que o pesquisador faz do ciberativista:

[...] alguém que utiliza a internet, e, sobretudo, a blogosfera, para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas instituições. Um ciberativista é uma enzima do processo pelo qual a sociedade deixa de se organizar em redes hierárquicas descentralizadas e passa a constituir-se em redes distribuídas basicamente igualitárias. (UGARTE, 2008, p. 42).

Além deste modo de organização, Ugarte cita dois modelos básicos dessas atividades nas redes: a campanha e o *swarming*. A campanha seria mais focada no debate e na construção do tema, do inimigo e das táticas para viabilizar as lutas ciberativistas. Ela estaria, assim, vinculada à identidade do movimento social e, em um sentido mais amplo, ao que Scherer-Warren (2006) chama de rede de movimento social, que “pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SHERER-WARREN, 2006, p. 113). A estratégia de campanha seria centralizada em um modo organizador e estratégias bem definidas e, a nosso ver, pode ser relacionada à própria construção discursiva do movimento social.

De outro modo, o *swarming* refere-se a uma estratégia de ação de incitação de um debate social distribuído, que pode evoluir para um consen-

so social ou uma cibertuba. Esse último elemento é definido como “a culminância da mobilização de rua de um processo de discussão social, levado a cabo por meios eletrônicos de comunicação e publicações pessoais, na qual deixa de existir a divisão entre ciberativistas e mobilizados” (UGARTE, 2008, p. 47). Assim, esse tipo de estratégia é marcado pela formação de uma rede descentralizada objetivando a mudança da agenda pública sobre determinada situação. Ela se constitui em uma reação a fatos ou episódios traumáticos provocados pela sociedade ou pelas autoridades.

Alcântara (2015) comenta que o termo cibertubas, utilizado por Ugarte, aproxima-se do conceito de *smart mobs* (multidões inteligentes), cunhado por Howard Rheingold para descrever um coletivo de pessoas desconhecidas que, por meio do uso de tecnologias, organizam-se para ocupar o espaço urbano e reivindicar determinadas demandas sociais. Eles descreveriam assim, por exemplo, as Jornadas de Junho de 2013, no Brasil, que congregou um número imprevisível de pessoas e partiu de uma ação instantânea de ocupação das ruas, auto-organizada, sem um centro organizador delimitado.

A partir do que foi explanado, resumimos as estratégias de ciberativismo de Vegh (2003) e Ugarte (2008), relacionando-as a determinadas funções (Quadro 1).

Quadro 1 – Estratégias de mobilização do ciberativismo

Vegh	Ugarte	Função
Conscientização/apoio a causas	Campanha	Construção de identidade
Uso da rede para mobilização para ação <i>off-line</i> ou <i>on-line</i>	<i>Swarming</i>	Modos de ação/reação
Hackerativismo		

Fonte: Formulação das autoras, baseado em Ugarte (2008) e Vegh (2003)

As formas de ciberativismo, a nosso ver, podem ser classificadas de acordo com a função de construção de identidade e de estabelecimento de modos de ação/reação. A construção de identidade remete às dimensões de formação de um movimento social, estabelecida em torno da identidade, do adversário e do projeto (SCHERER-WARREN, 2006). Ela seria formada por meio de estratégias centralizadas de um grupo, o que nos permite aproximá-la da categoria de campanha, de Ugarte, que usaria as mídias sociais da internet para conscientizar e buscar apoio a suas demandas e causas. Os modos de ação/reação circunscrevem ações mais práticas e instantâneas, como é o caso do hackerativismo e do uso das redes para mobilização de atos *off-line* (*Swarming*) ou *on-line* (VEGH, 2003; UGARTE, 2008). Essas estratégias moldam-se por meio da descentralização e delegação das ações para outros atores sociais que não integram, necessariamente, o núcleo do movimento social. Esse conjunto de estratégias de mobilização e formação de identidade dos movimentos sociais na rede atua de maneira complexa em processos de

centralização e descentralização e podem interagir nos modos de ação de um mesmo movimento social.

Ocupe Estelita como forma de ciberativismo

Desde seu surgimento, em 2012, o movimento Ocupe Estelita é marcado pela utilização da web como forma de buscar apoio social à sua causa, dando coesão ao movimento. Com base nas categorias utilizadas para descrever as práticas ciberativistas de Vegh e Ugarte (quadro 1), classificamos suas estratégias de militância na rede em: 1) *estratégias de constituição do discurso* do movimento, que pretende formar um espaço discursivo de discussão do espaço urbano do Recife e 2) *estratégias de incitação de mobilização* dos membros e simpatizantes do movimento, que ocorrem em eventos pontuais em torno do Projeto Novo Recife, como os episódios de ocupação de maio de 2014 e de aprovação do projeto pela Câmara, em 2015. Esses dois conjuntos de estratégias fazem referência, respectivamente, às funções de construção da identidade do grupo e de modos de ação. Eles se imbricam nos espaços discursivos do movimento na web, constituindo-se e reforçando-se mutuamente.

Como o próprio nome já diz, as estratégias de constituição do discurso do Ocupe Estelita são a base do movimento, dando-lhe existência discursiva, ao mesmo tempo em que orquestram as discussões e reflexões em torno dele. Partindo da perspectiva de Ugarte (2008), podemos afirmar que elas se moldam em torno de uma lógica de campanha – de construção de um centro, proposição de ações e difusão de ideias – que objetiva ampliar-se para um debate social entre os interessados em discutir os processos de urbanização da cidade. Sua construção discursiva

opera por meio da fixação e da disseminação do que é o Ocupe Estelita, fornecendo à sociedade em geral informações sobre o grupo e as causas que ele advoga. Dentre as estratégias, destacamos o papel do blog do grupo Direitos Urbanos e de audiovisuais.

A proposta do blog do grupo Direitos Urbanos é ser um espaço de agregação e organização das discussões sobre espaço urbano produzidas pelo coletivo, cuja articulação ocorreu em 2011 por pessoas interessadas em política e preocupadas com os problemas da cidade do Recife. Além de questões envolvidas diretamente com as ocupações do Estelita – divulgação das atividades do movimento e tramitação política e burocrática dos processos relacionados ao embargo ou não da obra –, o blog aborda também temas mais amplos sobre o espaço urbano que embasam os ideais do movimento Ocupe, como democratização dos espaços públicos, mobilidade urbana, revisão e regulação do Plano Diretor e reorganização da legislação urbanística, transparência e participação popular etc.

Outro recurso interessante utilizado para construir o discurso do movimento Ocupe Estelita é a produção de documentários e audiovisuais sobre a cidade do Recife e seus problemas urbanos, disponibilizados no blog, nas páginas do Facebook e no canal do YouTube do movimento. Destacam-se, por exemplo, o minidocumentário *Recife, cidade roubada* (2014), produzido pelo grupo com o apoio do cineasta Kleber Mendonça Filho e do ator Irandhir Santos, e o videoclipe *Novo Apocalipse Recife* (2015), que representa, numa paródia musical humorada e crítica, a cidade ideal de Geraldo Júlio, oposta às idealizações do movimento. Esses conteúdos espalham-se pelas

redes sociais digitais, tornando-se, muitas vezes, virais, como foi o caso do videoclipe, que obteve 16.297 compartilhamentos pelo Facebook.

As ações de construção do discurso e a consequente mobilização das pessoas interessadas em discutir os processos de urbanização contemporâneos empreendidas pelo Ocupe Estelita podem ser enquadradas como práticas de ciberativismo de formação de identidade. Cria-se, no seu conjunto, uma identidade em torno da defesa do espaço público e contra as práticas de urbanização correntes na cidade do Recife, representadas pelo projeto Novo Recife. O projeto, apresentado à Prefeitura do Recife em 2009 pelas construtoras Moura Dubeux e GL Empreendimentos, que prevê a construção de um complexo habitacional e comercial de oito prédios residenciais, dois hotéis e dois empresariais na área histórica do cais José Estelita (de mais de 100 mil m²), é alvo de questionamentos de movimentos sociais e do Ministério Público. Alega-se que as irregularidades do projeto vão desde a validade do leilão¹ – em que o terreno foi adquirido pelas construtoras por apenas R\$ 55,4 milhões – à aprovação do projeto, feita sem estudo de impacto ambiental e licenças do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) e Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT).

As estratégias do Ocupe Estelita visam mudar a agenda pública em relação à urbanização e, para

¹ Após denúncias de irregularidades, a Polícia Federal deflagrou, em setembro de 2015, a operação Lance Final, para apurar suspeita de fraude no leilão do terreno da antiga RFFSA, a área do Cais José Estelita. A ação foi considerada uma vitória pelo Movimento Ocupe Estelita.

isso, investem também em um segundo tipo de estratégia, que denominamos incitação de mobilização/ação dos membros e simpatizantes do movimento. Essas estratégias ocorrem em eventos pontuais de ocupação – em que o discurso do Estelita precisa ser reforçado e reiterado – e se configura, principalmente, pelo uso das mídias sociais digitais como o Facebook e o Twitter, que conseguem espalhar rapidamente os pedidos de mobilização. Aqui, os enunciados são curtos e diretos e possuem apenas um objetivo: convocar as pessoas a aderir ao movimento Estelita e agir por meio da presença física no acampamento ou do ativismo virtual.

A capacidade de mobilização do Ocupe Estelita surge, principalmente, em situações emergenciais envolvendo o projeto Novo Recife, como os episódios de demolição dos galpões do cais José Estelita, em maio de 2014, e de aprovação emergencial do projeto pela Câmara dos Vereadores, no ano seguinte. Nos dois episódios, travaram-se ações emergenciais de mobilização de membros do movimento Ocupe Estelita, do grupo Direitos Urbanos e de comunidades locais para ocupação da área. No primeiro caso, a ocupação do cais durou 50 dias e representou um marco histórico na trajetória de lutas contra o Consórcio e o Projeto Novo Recife. No segundo, a ocupação deu-se na frente do prédio de residência do prefeito da cidade do Recife, responsável pela imediata homologação do projeto. O acampamento reuniu cerca de 200 pessoas e durou três dias, tendo fim somente quando a Justiça do Estado determinou a desocupação da rua. Nesses casos, o uso de tecnologias digitais tornou-se estratégico e importante, já que o movimento só ficou sabendo dessas ações pelo

alerta dado via redes sociais digitais por simpatizantes ou membros do grupo que estavam no local dos eventos. A partir dessas informações o grupo pôde agir e organizar as ocupações e protestos.

No acampamento de maio de 2014, a mobilização ocorreu por meio do Facebook e Twitter. Comunidades do Facebook, como Movimento#OcupeEstelita, #ResisteEstelita e Direitos Urbanos, concentravam as informações sobre os objetivos do movimento, as atividades culturais que ocorreriam durante a ocupação e as negociações com a Prefeitura, o Ministério Público e o Consórcio Novo Recife. O perfil do movimento no Facebook também era utilizado como um canal informal de comunicação para angariar doações de alimentos para o acampamento e reforços humanos quando ocorriam situações mais tensas, como o episódio de reintegração de posse do terreno. A lógica era sensibilizar as pessoas para a causa, chamando-as a participar, de algum modo, da ocupação.

Uma das consequências das estratégias de incitação é o surgimento de um movimento ativista na rede, por meio de ações de mobilização *on-line*. No episódio de maio de 2014, essa articulação virtual disseminou-se pela web com o compartilhamento de imagens e informações sobre o movimento. Por meio das *hashtags* #OcupeEstelita e #ResisteEstelita, pessoas simpatizantes ou envolvidas na ocupação começaram a divulgar em seus perfis materiais com sentidos favoráveis à causa. Uma das marcas de vinculação ao movimento utilizadas pelos usuários do Facebook era a frase “Eu ocupo o Estelita”, colocada junto à foto do seu perfil pessoal. Essa ação simbólica permitiu a criação de uma rede de usuários cujas identidades virtuais são atreladas ao Estelita (fig. 1).

Figura 1 – Perfis do Facebook

Fonte: elaboração das autoras

As discursividades do Ocupe Estelita nas redes sociais digitais seguem a lógica do discurso do ciberativismo do *faça você mesmo*, herdada do *hacking* social, que se baseia no uso de ferramentas que promovem o empoderamento de pessoas (UGARTE, 2008). Como comenta Ugarte (2008), por meio dessas ferramentas de ação é possível congregiar uma massa de desconhecidos que atuam conjuntamente a favor de uma única causa social. Esse fenômeno ocorre no cenário que Clay Shirky (2011) nomeia de cultura da participação, em que o compartilhamento de informações e a vontade de participar das pessoas são elementos centrais. As mídias sociais digitais suprem a demanda de participação ao oferecer a esses indivíduos a oportunidade de comentar, criticar e se apropriar de conteúdos midiáticos, colocando-os em circulação de maneiras variadas e criativas.

O Movimento Ocupe Estelita ganha força por sua capilarização nas redes de contato do Facebook. A produção de materiais sobre o movimento pelas pessoas remete também a dezenas de fotos com o mesmo perfil: um indivíduo segurando um cartaz no qual está escrito “#OcupeEstelita”. Essas fotos criam uma rede de apoiadores à causa que não são necessariamente do Recife. Com o passar dos dias, mais pessoas aderem a essa forma virtual de protesto, entre elas, artistas brasileiros consagrados. Na figura 2, temos a foto do cantor Ney Matogrosso, que se disseminou no Facebook.

Figura 2 – Ativismo virtual do Ocupe Estelita

Fonte: Comunidade do Facebook do grupo
Direitos Urbanos

Ainda que ganhe fôlego nas redes sociais digitais, a culminância do ciberativismo do Ocupe Estelita ocorre nas ruas, quando as pessoas interessadas no

debate sobre urbanização e espaço público passam a participar das manifestações e ocupações² organizados pelo movimento. Geralmente, as ocupações ocorrem aos domingos, no cais José Estelita, e propõem uma série de atividades culturais e artísticas (como oficinas de desenho, fotografia, shows musicais), além de palestras sobre a temática do espaço urbano. Em maio de 2014, uma das principais estratégias para chamar as pessoas deu-se a partir da promoção de shows musicais no cais. No dia 8 de junho de 2014, um desses eventos conseguiu juntar cerca de 10 mil pessoas. O projeto cultural Som na Rural, que leva música a espaços públicos com instalação técnica dentro de um carro, trouxe ao palco do Estelita artistas locais como Karina Buhr, Lia de Itamaracá e Siba. Nas ruas, o movimento conseguiu agregar segmentos sociais como comunidades locais, classe média e grupos de professores das universidades pernambucanas em torno da causa do Estelita.

Assim como todo movimento social, as ações empreendidas pelo Ocupe Estelita visam dar visibilidade e reconhecimento ao grupo tanto entre os ciberativistas quanto a sociedade (UGARTE, 2008). Neste último caso, reconhece-se a importância de ações pontuais como as ocupações e os acampamentos – complementados pelo ativismo na internet – como forma de dar visibilidade à causa, possibilitando com que o discurso do grupo seja enquadrado como acontecimento noticioso e circule em veículos de comunicação nacionais e internacionais. A ocupa-

² O termo foi cunhado pelo próprio grupo Ocupe Estelita para denominar as ocupações feitas no cais e em outros locais da cidade, com mesas-redondas, palestras e atividades culturais e artísticas.

ção de maio de 2014³, por exemplo, ganhou espaço em publicações como o jornal *O Globo*, as revistas *Carta Capital* e *Fórum*, além dos jornais internacionais como o *The Guardian*, *La Reppublica*, *Al Jazeera* e *BBC News Brasil*.

De certo modo, a visibilidade buscada pelo Estelita nas redes sociais digitais nasce do esgotamento dos jornais locais de Pernambuco em tratar pautas relacionadas a manifestações e protestos sociais⁴. Durante os dias de ocupação de maio de 2012, há um silenciamento discursivo por parte do *Jornal do Commercio*, *Diario de Pernambuco* e *Folha de Pernambuco*, que publicam, quando muito, apenas notas sobre o evento. Essa interdição pode ser atrelada a interesses e vínculos econômicos entre os veículos de comunicação e as construtoras do Consórcio Novo Recife, já que as últimas predominam como anunciantes dos jornais. No *Jornal do Commercio*, por exemplo, nota-se um viés propagandista quando se noticia o projeto Novo Recife, em que o discurso jornalístico, antes de abrir espaço para debates, justifica a construção do projeto (GOMES et al., 2013).

³ Essa circulação deu-se principalmente a partir do episódio de desocupação do cais operado pela Polícia Militar de Pernambuco. Nas matérias havia questionamentos sobre a necessidade do uso da força policial, além de explicações sobre o movimento e sua luta contra a especulação imobiliária.

⁴ O estudo de Marroquim (2012), que analisou o material de um período de seis meses do *Jornal do Commercio*, *Diario de Pernambuco*, *Folha de Pernambuco*, mostra que a tendência dos jornais pernambucanos, quando noticiam protestos sociais (o que ocorre de maneira escassa), é a de desqualificação dos protestos e manifestações sociais e de veto ao debate e a opiniões dissonantes de seu viés editorial. Seu discurso tem como principal critério legitimador o retorno à ordem.

As produções de sentido do Ocupe sobre urbanização

O Ocupe Estelita surge na esteira de discursividades contemporâneas do Recife interessadas em discutir o espaço urbano da cidade e as consequências sociais geradas em seu processo de urbanização. Além da presença nas mídias sociais, essa questão é tematizada em produções audiovisuais locais, como *Um lugar ao Sol* (2009), de Gabriel Mascaro, e *O Som ao Redor* (2012), de Kleber Mendonça Filho. Em ambos, tece-se uma crítica sobre os modos contemporâneos de se habitar a cidade, conformados cada vez mais pela lógica de condomínios, enclaves fortificados vigiados por câmeras ou seguranças.

Segundo Caldeira (2000), os enclaves fortificados são espaços privados voltados à coletividade que representam uma nova ordem no espaço urbano. Eles se configuram segundo uma “estética da segurança”, sendo constantemente policiados por aparelhos ou pessoas. A construção social contemporânea da cidade valoriza-os como espaços residenciais autênticos, sinônimos de prestígio e de *status*. Seus habitantes têm acesso a áreas de lazer, cinema, mercados e outros recursos sem precisar se misturar com a massa heterogênea do centro da cidade. Esses empreendimentos criam um universo de pessoas homogêneas que possuem o mesmo poder aquisitivo e os mesmos objetivos pessoais. A exclusão daqueles que são diferentes constitui-se no próprio modo como esses empreendimentos são construídos:

Os enclaves são literais na sua criação de separação. São claramente demarcados por todos os tipos de barreiras físicas e artifícios de distanciamento e sua presença no espaço da cidade é uma evidente afirma-

ção de diferenciação social. Eles oferecem uma nova maneira de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre protestos sociais (o que ocorre de maneira escassa) e a de desqualificação dos protestos e manifestações sociais e de veto ao debate e a opiniões dissonantes de seu viés editorial. O seu discurso tem como principal critério legitimador eles e, portanto, organizando explicitamente as diferenças como desigualdade. (CALDEIRA, 2000, p. 259).

A lógica da privatização dos espaços públicos é hegemônica nas cidades contemporâneas, vinculando-se ao discurso do desenvolvimento econômico e a elementos como a violência social. Trata-se de criar espaços protegidos da rua e da exposição à violência. Nessa perspectiva, os *shoppings centers* tornam-se sinônimos de lazer da classe média, e os carros, seu meio de transporte por excelência. Mostra-se o progresso de uma cidade nos seus arranha-céus que se distribuem até chegar à beira-mar, transformando-a em um não lugar cosmopolita e moderno.

Contrapondo-se a esse modelo hegemônico de urbanização, o discurso do Ocupe Estelita e de outros movimentos sociais do Recife configuram a urbanização em torno de sentidos como o interesse coletivo e o bem-estar social. Interessa, então, manter uma cidade com espaços verdes ao alcance de todos, lugares de lazer alternativos ao enclausuramento dos condomínios. Esse discurso constrói seus enunciados em oposição aos sentidos construídos pelo discurso progressista, deslegitimando o projeto de cidade que empreendimentos como o Consórcio Novo Recife querem levar adiante. Enunciados como “a cidade é de todos”, “ocupe o cais”, “a cidade é nossa”, presentes nas manifestações via Facebook do Ocupe Estelita, preconizam a ocupação do espaço público

em detrimento da defesa da propriedade privada dos condomínios.

A consolidação de sentidos de urbanização na malha social recifense ocorre num cenário de disputas sociais, que ocorrem por meio do discurso. O discurso do progresso, representado pelo Consórcio Novo Recife, e o seu antagônico tecem redes de significações que criam determinadas maneiras de habitar a cidade. Essas redes de sentidos são instáveis e mostram que o discurso é o próprio objeto de disputa entre esses sujeitos, pois é por meio dele que se constitui o social:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas uma representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

O discurso do Ocupe Estelita ganha amplitude com o uso das redes sociais digitais, reverberando na sociedade recifense e transformando as próprias relações entre sujeito, discurso e cidade. Partindo de Foucault (1982), compreendemos que esse discurso envolve um processo de subjetivação, de construção de sujeitos, conformando-os a determinadas verdades ao mesmo tempo em que apaga outras tantas possíveis. Nesse caso, a verdade do sujeito relaciona-se a sentidos de urbanização que questionam a própria construção do espaço urbano atual e, a partir da recuperação de uma matriz de reflexividade, geram discussões sobre as relações entre os indivíduos e a cidade, entre o *quem nós somos* e o

que a cidade representa para nós. Esse processo só se faz possível a partir da construção de narrativas e do debate entre sujeitos – o que se desenrola a partir do ambiente da web.

A formação do discurso do Estelita emerge como uma forma de luta social no momento em que constrói um sujeito que resiste ao processo de subjetivação do discurso hegemônico sobre urbanização. Trata-se, nesse caso, da ativação do que Antoun e Malini (2010) chamam de uma *biopolítica*⁵ da rede como *liberdade positiva*, que permite aos usuários das redes sociais construir suas próprias narrativas e significados sobre os acontecimentos sociais, ampliando os sentidos sobre a ação e quebrando o monopólio da narração das mídias tradicionais. Os produtos culturais criados por esse grupo atuam simbolicamente como atos de resistência, cujos sentidos não são capturados pelo discurso hegemônico sobre urbanização.

A lógica dessas resistências subjetivas no discurso do Ocupe Estelita funciona segundo dois mecanismos de produção de sentido: 1) a demarcação do “eles” (o discurso-outro de urbanização) em relação ao “nós” (ativistas e simpatizantes do Ocupe Estelita) e 2) a abertura de um espaço de debates e de construção de novos sentidos sobre o espaço urbano, a

⁵ O conceito origina-se do conceito foucaultiano de biopolítica, explicado pelos pesquisadores como um “conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não se deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um direito e de um espaço público, para além da noção que este deva ser regulado e garantido por um estado, portanto, por um agente de força exterior aos indivíduos, sem que isso seja uma experiência anárquica, mas de uma democracia que se constitui por direitos sempre abertos e potencializadores da liberdade” (ANTOUN; MALINI, 2010, p. 6).

urbanização e as subjetividades constitutivas desse novo discurso. As subjetividades, por exemplo, passam a ser produzidas a partir de valores como afetividade e ação social.

A demarcação de fontes enunciativas dos discursos opostos de urbanização (eles-nós) pode ser observada no audiovisual *Novo Apocalipse Recife*, que desafia os sentidos de cidade ideal construídos pelo discurso hegemônico a partir da parodização. O discurso do outro, personificado no vídeo pela figura do prefeito (indivíduo com uma máscara de Geraldo Júlio) e por pessoas fantasiadas de prédios (figura 3), é interpelado por meio do humor e da crítica ácida. O tipo ideal de espaço urbano fruto de investimentos da gestão atual da prefeitura, em conchavo com as empreiteiras, é representado em oposição a sentidos relacionados à memória histórica e à natureza da cidade, esta última representada, na imagem, pela praia.

Figura 3 – Vídeo *Novo Apocalipse Recife*

Fonte: Videoclipe Novo Apocalipse Recife

O jogo de sentidos entre a cidade que está sendo construída e os outros sentidos e cidades possíveis negados por esse discurso aparece também na letra da música do *Novo Apocalipse Recife*, da qual destacamos alguns trechos. “*Miami beach do Brasil/ Só que de frente para o rio*”, por exemplo, associa a construção atual a um não lugar cheio de prédios, em que os sentidos de modernização e progresso sobrepõem-se à memória histórica da cidade. Em “*Pra que o verde pra refrescar/A parada mesmo é climatizar*”, também se observa uma sobreposição das maneiras artificiais de se viver – fruto do progresso – à integração ao meio ambiente da cidade e suas ofertas naturais.

A construção de sentidos no discurso do Estelita também envolve, num segundo momento, a abertura de um espaço de debates sobre o espaço urbano e as subjetividades produzidas por esse discurso. Para isso, recorre-se à construção de sentidos de urbano que ainda não foram devidamente sedimentados na sociedade, com o objetivo de gerar discussões e debates sobre a cidade. O que se define, de antemão, é que o modo de habitar constituído na contemporaneidade destoa das vontades e desejos do novo sujeito do Recife. Enunciados como a figura 4 jogam com sentidos de urbanização que estariam fora do escopo do discurso hegemônico, representado pelas torres. A ideia é de que é possível construir outra cidade além do discurso do empresariado. A existência dessas duas possibilidades aparece na figura na metáfora dos trilhos de trem e os dois caminhos que podem ser seguidos.

Figura 4 – Peça do grupo Ocupe Estelita

Fonte: Comunidade do Facebook do grupo Direitos Urbanos

É interessante notar que a utilização da web como espaço discursivo transforma a própria experiência do político do Recife. Esse processo de transformação do político pode ser observado como uma tendência geral dos movimentos sociais contemporâneos, que mudam sua própria forma de existência por meio das imbricações entre tecnologia e discurso. Para Dias, Barbai e Costa (2014), as mudanças referem-se a

um processo de deriva de sentido constituído numa memória discursiva de organização sindical, estudantil,

panfletária, para um modo de organização em rede, viral, midiático, inscrito numa memória metálica. Nessa deriva jogam os sentidos dos modos de organização política da sociedade. Uma sociedade conectada, *on-line*, onde os movimentos sociais estão/são (des)centralizados (ao menos no que diz respeito ao seu modo de organização) e funcionam por compartilhamento da informação por meio de mensagens. Seja por SMS ou pelas redes sociais ou, ainda, pelas *hashtags*. (DIAS; BARBAI; COSTA, 2014, p. 201).

No movimento Ocupe Estelita, o uso das redes sociais digitais e a presença nas ruas possibilitam a inclusão de outras vozes e matrizes discursivas no debate sobre o espaço urbano da cidade. Como nos mostra Jácome (2014), esse processo de transformação caracteriza os protestos sociais contemporâneos que se fortalecem por meio da convergência tecnológica, misturando aspectos do real e do virtual. Sem ser necessariamente entusiasta das novas tecnologias, a pesquisadora analisa as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, apontando mudanças significativas nas experiências públicas de construção do comum, que se tornam cada vez mais permeáveis a participações igualitárias. Com o ativismo virtual há uma horizontalização do debate público e uma potencialização das vozes nas ruas, o que impacta nas formas tradicionais de mobilização social.

Os valores relacionados à ação social aparecem no modo como o discurso do Estelita contribui para o *empowerment* do cidadão recifense, que é instigado a assumir uma posição de sujeito ativo nos processos de escolha relativos à urbanização do Recife. Sua atuação se expressa na presença física nas atividades do movimento e na utilização da internet para espalhar as suas propostas. Enunciados como “Venha

discutir sua cidade", "Ocupe", "Bora? Precisamos do seu apoio" chamam os recifenses interessados a ocupar e discutir a urbanização da cidade.

Os mecanismos de subjetivação do discurso do Estelita funcionam segundo a lógica da inclusão de vozes sociais que antes eram ignoradas pelo sistema. Essas vozes aparecem tanto no modo como moradores das comunidades locais do Cais José Estelita são incluídos no movimento quanto nas reivindicações do grupo de ser incluído no processo de decisão sobre o projeto Novo Recife. Cria-se uma subjetivação constituída por meio de "energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberte. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em 'fazer propositivos'" (GOHN, 2011, p. 336).

A subjetivação do Ocupe Estelita transita por valores de afetividade, pois o movimento utiliza a memória cultural e afetiva do recifense para fortalecer seu discurso. Suas subjetividades identificam-se com a paisagem histórica e cultural da cidade e colocam-se como defensoras do seu patrimônio histórico. O que está em jogo é o sentido de ser recifense, associado às marcas históricas do Recife. A construção afetiva mostra-se no modo como o movimento utiliza a arte – os shows de artistas locais e as oficinas de fotografia – como forma de sensibilizar afetividades e de resistir politicamente.

Como movimento social emergente, a inovação do Ocupe Estelita está justamente no fato de o grupo realizar um diagnóstico da realidade social, propondo mudanças no modelo de urbanização contemporâneo. Ele cumpriria, assim, o papel dos movimentos sociais que, segundo Melucci (1985), deve levar à produção de questionamentos à sociedade:

Além da modernização, além da inovação cultural, movimentos questionam a sociedade sobre algo “a mais”: quem decide nos códigos, quem estabelece as regras de normalidade, qual o espaço para a diferença, como alguém pode ser reconhecido não por ser incluído mas por ser aceito como diferente, não para aumentar a quantidade de trocas, mas por afirmar um outro tipo de troca? Essa é a mais profunda e mais oculta mensagem dos movimentos (MELUCCI, 1985, p. 810, tradução nossa)⁶.

Movimentos sociais como o Estelita produzem, inevitavelmente, novos sentidos sobre espaço urbano, por meio da emergência de subjetividades criativas e empoderadas socialmente interessadas no debate sobre urbanização e cidades. Esse fenômeno não é exclusivo do Recife; ao contrário, é observado também em movimentos sociais de outras cidades brasileiras, que expõem sua luta contra projetos de urbanização megalomaniacos em áreas históricas ocupadas por comunidades vítimas da especulação imobiliária. Por meio de suas práticas sociais e discursivas, esses movimentos revelam o esgotamento tanto nos modos institucionalizados de se fazer política quanto no modelo hegemônico de urbanização colocado em prática até então pelo poder público e pelas empresas privadas. No caso do Ocupe Estelita, a mensagem é clara: antes de gabinetes fechados e condomínios privados, a construção dos espaços urbanos contemporâneos

⁶ “But beyond modernization, beyond cultural innovation, movements question society on something ‘else’: who decides on codes, who establishes rules of normality, what is the space for difference, how can one be recognized not for being included but for being accepted as different, not for increasing the amount of exchanges but for affirming another kind of exchange? This is the deepest and the most hidden message of the movements” (MELUCCI, 1985, p. 810).

deve ser feita nas ruas, com a participação das comunidades recifenses e o apoio do ambiente virtual.

Referências

A BATALHA pelo cais José Estelita. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 18 jun. 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-batalha-pelo-cais-jose-estelita-8652.html>. Acesso em 28 mar.2017.

ALCÂNTARA, L. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73-97, jun.-set. 2015.

ANTOUN, H.; MALINI, F. Ontologia da liberdade na rede: as mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Compós, 2010.

ARAUJO, W.; FREITAS, E. C.; MONTARDO, S. Ciberativismo como cultura de mobilização imanente à internet. In: PUHL, P.; SARAIVA, J. (Orgs.). **Processos culturais e suas manifestações**. Novo Hamburgo: Feevale, 2012. p. 163-190. v. 1.

BRAZILIAN police criticized over raid on protest camp. The Guardian, Londres, 18 jun.2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jun/18/brazil-police-raid-protest-camp-recife>. Acesso em 28 mar.2017.

CALDEIRA, T. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania. São Paulo: 34/Edusp, 2000.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEMOCRACIA em cheque no Recife, um legado de Eduardo Campos. **Revista Fórum**, São Paulo, 17 jun.2014. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2014/06/17/democracia-em-xeque-recife-um-legado-de-eduardo-campos/>. Acesso em 28 mar.2017.

DIREITOS URBANOS. Grupo Privado do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/direitosurbanos/?fref=ts>. Acesso em 28 mar.2017.

DIREITOS URBANOS Recife. Blog. Disponível em: <http://direitosurbanos.wordpress.com>. Acesso em 28 mar.2017.

DIAS, C.; BARBAI, M. A.; COSTA, G. Movimentos da contemporaneidade: a rua, as redes e seus desencontros. **Rua**, Edição Especial, Campinas, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118848/1/ppec_8638267-8395-1-SM.pdf. Acesso em: 9 fev. 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

GOHN, M. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 160, n. 47, p. 333-361, mai.-ago. 2011.

GOMES, I. et al. Da cidade ao caos: o embate entre o movimento Direitos Urbanos e o Jornal do Commercio. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 2., (EICA), 2013, Aracaju. **Anais...** Aracaju: EICA, 2013.

JÁCOME, M. **Comunicação, experiência sensível e cidadania: a construção do comum entre comunidades virtuais e espaço urbano**. 2014. 197f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

MARROQUIM, R. **Jornalismo e deliberação: luta por reconhecimento e o não-outro generalizado na mídia impressa pernambucana**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

MELUCCI, A. The symbolic challenge of contemporary movements. **Social Research**, v. 52, n. 4, p. 789-816, 1985.

NOVO Apocalipse Recife. Realização: Movimento Ocupe Estelita e Troça Carnavalesca Empatando Tua Vista. Participação: Abel Farias, Amanda Moraes, Aninha Martins, Beto Normal de Assis e outros. 2015. (6min 35seg.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uE0wJi6xNBk>. Acesso em 28 de mar. 2017.

PARENTE, R. Do midialivrismo de massa ao midialivrismo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais Eletrônicos...** Belém: Compós, 2014. Disponível em: < http://www.compos.org.br/biblioteca/domidialivrismodemassaaomidialivrisnociberativista_rebataescari%C3%A3oparente_comp%C3%B3s2014_2148.pdf >. Acesso em: 8 fev. 2017.

PEREIRA, M. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: **Encontro da Compolítica**, 4., 2011, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

RECIFE cidade roubada. Realização: Ernesto de Carvalho, Leon Sampaio, Luis Henrique Leal, Marcelo Pedroso e Pedro Severien. Participação: Irandhir Santos, Kleber Mendonça Filho, Lucas Alves, Leonardo Cisneiro, integrantes do Movimento Ocupe Estelita e outros. 2014. (13 min 38 seg.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk>. Acesso em 28 mar.2017.

O SOM ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Elenco: Irandhir Santos, Gustavo Jahn, Irma Brown, Maeve Jikings e W.J. Solha. Produção: Emilie Lesclaux. Produtora Cinemascópio. Distribuição: Vitrine Filmes. 2013 (131 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_gToqlx2PY. Acesso em 28 mar.2017.

RIGITANO, M. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. **BOCC**, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

SHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan.-abr. 2006.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVEIRA, S. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, p. 28-39, 2010.

UGARTE, D. **O poder das redes**. Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

UM lugar ao sol. Direção, roteiro e produção: Gabriel Mascaro. Produção Executiva: Stella Zimmerman e Rachel Ellis. Direção de Produção: Livia de Melo. Direção de fotografia: Pedro Sotero. Montagem: Marcelo Pedroso. 2009. (71min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pOH5SWK6Mcc&t=2312s> Acesso em 28 mar.2017.

VEGH, S. Classifying forms of *on-line* activism: the case of cyber-protests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M. D. (Eds.). **Cyberactivism**: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.

DADOS DOS AUTORES

Natália Martins Flores

é jornalista e doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É mestre em Comunicação pela UFSM. E-mail: nataliflores@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0569550558569866>

Isaltina Maria de Azevedo Melo Gomes

É jornalista, doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE. E-mail: isaltina@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3715206085360657>